

Sarney receita reforma da Carta

MORENO

Porto Alegre — O presidente José Sarney advertiu ontem que a Constituição precisa ser reformulada para que o País retome a governabilidade, atribuindo ao texto promulgado em outubro do ano passado a responsabilidade de a inflação ter atingido o atual patamar de 50 por cento. Em entrevista ao programa **Bom Dia Rio Grande**, da RBS Tv, afiliada da Rede Globo, Sarney previu que o País terá de enfrentar um problema institucional devido ao regime político criado pela Constituição. Em sua opinião, esse regime mostrou que precisa ser revisto no primeiro teste a que foi submetido — os meses em que o próprio atual presidente governou sob o novo texto.

Aconselhou o seu sucessor a ter muita paciência e tolerância no exercício do cargo, salientando que sem essas qualidades é impossível governar numa democracia. Sarney lembrou uma frase do ex-presidente da França George Pompidou ("Vou deixar à França o legado de minha paciência"), acrescentando acreditar ter um legado semelhante, pois em seu governo ninguém se sentiu ameaçado pelo Presidente.

O processo eleitoral, disse Sarney, trucidou quase todos os partidos e isto irá provocar inevitavelmente uma rearmagem partidária, que ele pretende assistir "de longe". A principal herança de seu governo, acredita o atual presidente, é a criação de uma sociedade democrática.

Eu deixo um Brasil em paz, que nestes cinco anos não teve um trauma. Todos procuramos uma convivência pacífica, uma controvérsia no mais alto nível e liberdade total. Nenhum brasileiro se sentiu ameaçado. Todos participaram politicamente, afirmaram suas idéias. Grandes espaços se abriram a segmentos da sociedade. Basta ver que um trabalhador candidato à presidência da República teve 48 por cento dos votos.

Sarney espera que futuros historiadores, quando examinarem o atual período da vida do Brasil, considerem que foi nesta época que o País passou por uma fase institucional, que se concretizou numa fase de estabilização. Ele julga esse estágio fundamental para um País, porque sem estabilidade e segurança da continuidade do progresso econômico pode desaparecer.

Sobre a antecipação da posse de seu sucessor, Fernando Collor de Mello, o Presidente reafirmou que ele não será um empecilho e que acatará qualquer reforma da Constituição sobre o assunto. Espera que os 81 dias de transição de seu governo para o próximo transcorra em um clima de civilidade, democracia, paz e sem traumas. Sarney afastou qualquer possibilidade de medidas econômicas para atacar a hiperinflação. Sobre seu futuro político, garantiu que não pretende concorrer a qualquer cargo, mas disse que não irá se afastar da vida pública.

"Vou ficar dentro da política, opinando, participando, escrevendo artigos, dando minha opinião. Com minha experiência acumulada ao longo de toda minha vida pública não tenho o direito de não utilizá-la em favor do País. Eu ajudei a criar esta sociedade democrática e agora para se fazer política não se precisa, necessariamente, de mandatos".

O governo não vai adotar medidas de impacto para evitar a hiperinflação, nesta fase de transição. O presidente salientou que com pouco tempo para governar não se pode tomar posições econômicas "heróicas".



Sarney empossa Ponte que discursa já no cargo de ministro-chefe do Gabinete Civil

Presidente afirma que nada tem para esconder

"Nada temos a esconder". Foi o que afirmou ontem o presidente José Sarney, no seu discurso durante a solenidade de posse do deputado Luís Roberto Ponte (PMDB/RS), no cargo de ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República. A declaração de Sarney foi uma resposta indireta às afirmações do coordenador de imprensa do presidente eleito Fernando Collor de Mello, Cláudio Humberto, de que será realizada uma operação "pega ladrão", para prender os assessores de Sarney que cometeram irregularidades administrativas.

Após determinar ao novo ministro a abertura total de todas as portas do governo à equipe da futura administração, fornecendo toda a colaboração necessária, Sarney disse que "o Presidente tem o coração de magnanimidade e de amor ao País. Tem as mãos limpas e tem a consciência tranquila do cumprimento do seu dever. E se alguém faltou à sua confiança, à sua lealdade e ao seu dever, que amargue os seus erros", afirmou.

O presidente Sarney destacou a causa democrática, o viver democrático, afirmando que essa deve ser a preocupação maior da sociedade brasileira. Ele ressaltou que a última eleição para Presidente da República foi a maior e mais ampla da História do Brasil, e sustentou que o País firmou-se como uma grande sociedade democrática. Por essa razão, é necessário que o País tenha costumes e instituições republicanas à altura do grande destino do construído com o pleito recente.

A missão de Luis Roberto Ponte foi ressaltada pelo presidente Sarney, depois de agradecer-lhe por ter aceitado o cargo no fim do governo: "Coordenar a transição do governo, para que se faça dentro de um clima de civilidade, de grandeza, de amadurecimento democrático, enfim, de uma única estrada: o interesse nacional", estabeleceu Sarney.

Luis Roberto Ponte disse, depois de assinar o termo de posse, que acredita no sucesso de sua missão, para pedir o esforço dos políticos, dos empre-

sários e dos trabalhadores. Para ele, esta é a hora dos políticos mostrarem que "o severo e generalizado julgamento que deles faz o povo, retratado nas urnas, não faz justiça a uma quantidade enorme de cidadãos". O discurso de Ponte foi breve, sem muitas delongas comuns a essas ocasiões.

O deputado era o líder do governo na Câmara. Ele exerce o seu primeiro mandato. Ponte é representante do setor da construção civil, já tendo presidido o sindicato da categoria do Rio Grande do Sul e a entidade nacional. Com 55 anos, é proprietário da Construtora Pelotense, situada na cidade de Pelotas. Ele é cearense de nascimento, mas gaúcho por opção. Ponte substituiu Ronaldo Costa Couto, que deixou o cargo por uma vaga no Tribunal de Contas do Distrito Federal.

A posse de Ponte foi concorrida, para uma solenidade no fim de governo. Foram mais de 100 pessoas, entre parlamentares e funcionários do governo, especialmente da Presidência da República.

O do "livrinho"

MENDES RIBEIRO

Uma frase de Lula, quando candidato à Presidência, no primeiro debate com Collor: "vou ser o Presidente do Livrinho".

Excelente figura! Simples. Abrangente. Total. Acusada pelos detentores das riquezas nacionais como símbolo de subversão pelo gigantismo do Estado e, pelos esquerdistas, de retrógrada, pelo tratamento dado à propriedade, o "Livrinho" é a resultante de um sonho. O possível nascido do choque de idéias. A média do pensamento brasileiro colocada em artigos, parágrafos, alíneas e incisos, balizando a sociedade, limitando o Poder, impondo deveres e outorgando direitos ao povo. Não é "avançada" e não representa "retrocesso". É o que é. O que somos. Ou, pelo menos, o que pretendíamos ser quando ele-

gem os constituintes responsáveis pela Lei das Leis.

Embora digam o mesmo de Eurico Gaspar Dutra, olhando os livros durante alguns anos, firmei a convicção: ninguém, além de Juscelino, cumpriu a Carta. Ninguém, como ele, foi tão guiado pelos mandamentos constitucionais. Superou revoltas e momentos duros. Passou por cima de incompreensões. Construiu Brasília. Impulsionou nossa terra, tal como prometeu, meio século em 5 anos, enquanto Presidente da República. Ele, Juscelino, foi o "Homem do Livrinho", na bem apanhada expressão do deputado Luiz Inácio Lula da Silva.

Se o Presidente agora eleito olhar a Constituição por guia e não entrave; se, antes de engolfado pelo poder ou deslumbrado pela vida palaciana, compreender a severidade do momento e a expectativa que o cerca, apro-

fundar-se nos limites estabelecidos pela Grande Regra e marchar para a conciliação nela fundada, teremos dias de paz.

E ressurgirão esperanças. E será tempo de apostar no amanhã.

Não é difícil. Não existem utopias votadas pelos constituintes.

Para poucos, muito poucos, quantos se pensam intocáveis; a Constituição tem defeitos insuperáveis. Porém, para quem entende impossível o progresso sem redistribuição de renda, é no respeito mútuo, a pedra de toque de nosso país.

Que tenhamos, nos próximos cinco anos, o "Homem do Livrinho". Será garantia de bom governo.

Mendes Ribeiro é deputado federal pelo PMDB do Rio Grande do Sul